



Observatório das Desigualdades e-Working Paper N.º 1/2014  
doi: 10.15847/CIESODWP012014

## **Desigualdades de género no topo dos ganhos salariais em Portugal**

Frederico Cantante

*Observatório das Desigualdades e-Working Papers* (ISSN 2183-4199)

Av. das Forças Armadas, Edifício ISCTE, 1649-026 LISBOA, PORTUGAL

<http://observatorio-das-desigualdades.com/>

**Frederico Cantante** Licenciado em Sociologia (2003) e em Direito (2011), é doutorando do Programa de Doutoramento em Sociologia do CIES-IUL. É assistente de investigação do CIES-IUL e membro da equipa permanente do Observatório das Desigualdades.

**Título:** Desigualdades de género no topo dos ganhos salariais em Portugal

**Resumo:** A concentração dos recursos económicos nos grupos do topo da distribuição é uma das tendências que mais tem marcado as sociedades atuais. Vários estudos chamam a atenção para o agravamento da desigualdade existente entre a elite económica dos países e a restante população. Nesta grelha analítica, os quantis do topo são apresentados, quase sempre, como categorias económicas socialmente homogéneas. Estes quantis são, no entanto, formados por um conjunto variado de categorias sociais, entre as quais existem desigualdades de recursos económicos relevantes. A partir da realidade portuguesa, analisar-se-ão neste working paper as desigualdades de ganho salarial entre homens e mulheres nos quantis do topo da distribuição.

**Palavras-chave:** Ganhos salariais do topo, desigualdade económica, desigualdade de género.

**Title:** Gender inequalities at the top of the wage distribution in Portugal

**Abstract:** Economic concentration at the top of the tail is one of the most striking features of contemporary societies. Several studies highlight the growing inequality between the national economic elites and the rest of the population. According to this analytical frame, top quantiles are presented, quite often, as being socially homogeneous economic categories. However, these quantiles are formed by several social categories, between which there are wide economic inequalities. Based on the Portuguese case, this working paper will focus on gender wage inequalities at the top of the tail.

**Keywords:** Top wages, economic inequality, gender inequality.

---

## Como citar este artigo

---

Cantante, Frederico (2014), “Desigualdades de género no topo dos ganhos salariais em Portugal”, *Observatório das Desigualdades e-Working Papers* N.º 1/2014, ISCTE-IUL, CIES-IUL, ISSN 2183-4199, doi: 10.15847/CIESODWP012014

Disponível em <http://wp.me/P4h6tu-p3>

## Introdução

O aumento das desigualdades económicas no interior de uma boa parte dos países mais desenvolvidos e em desenvolvimento tem sido potenciado pela crescente concentração do rendimento nos grupos da população que formam o topo da distribuição desse recurso. Esta evidência tem contribuído para a conceptualização das desigualdades económicas como uma oposição entre os ricos ou muito ricos e a restante população. Nesta relação os grupos privilegiados são muitas vezes apresentados como categorias económicas homogéneas. Mas se é verdade que a crescente concentração do rendimento e da riqueza em grupos minoritários (ultraminoritários) da população aguça, do ponto de vista analítico, este tipo de conceptualização da estrutura de distribuição dos recursos económicos, importa olhar também com maior pormenor para o topo dessa estrutura, em particular para as desigualdades internas aí existentes.

A desigualdade é um conceito relacional, no sentido em que a sua determinação subentende um exercício comparativo entre indivíduos, categoria sociais, ou agregados geográficos. Do ponto de vista substantivo, as desigualdades entre esses referentes analíticos assumem configurações multidimensionais, manifestam-se em diversas esferas da vida em sociedade. De acordo com Göran Therborn (2013), existem três tipos fundamentais de desigualdades: as “desigualdades vitais”, que dizem respeito a desigualdades associadas à saúde e que podem ser medidas através da esperança média de vida à nascença ou da taxa de mortalidade infantil; as “desigualdades existenciais”, que têm na sua base desigualdades simbólicas ou de reconhecimento social, como por exemplo as discriminações associadas à orientação sexual, ao género ou à etnia; e as “desigualdades de recursos”, que consistem na distribuição assimétrica de capital económico, cultural e social. A autonomização conceptual destes três tipos de desigualdade é um exercício de categorização abstrata de dinâmicas sociais mais complexas, sendo que os vários tipos de desigualdade podem interagir, influenciar-se reciprocamente (Bihl Pfefferkorn, 2008; Tilly, 2005).

O principal objetivo deste texto prende-se com a análise das desigualdades salariais em Portugal tendo em linha de conta o sexo dos trabalhadores. Na linguagem de Therborn, a análise incidirá sobre a combinação de uma desigualdade de recursos com uma desigualdade do tipo existencial. Procurar-se-á, neste sentido, apurar até que ponto as desigualdades de natureza simbólica, típicas do sistema de oposições e de exclusão social existente na “ordem de género” (Connell, 1994), se traduzem em desigualdades de recursos económicos entre homens e mulheres. Em particular, analisar-se-ão desigualdades de ganho salarial entre homens e mulheres pertencentes ao topo da distribuição desse recurso económico. Trata-se, portanto, de um exercício que comporta alguma ambivalência teórica e analítica. Embora a problemática de fundo do texto seja a desigualdade salarial de acordo com o género, a camada da população eleita como objeto empírico consiste, de forma mais ou menos vincada, numa minoria privilegiada da população trabalhadora. Ou seja, analisar-se-ão desigualdades de género no seio de uma população que ocupa posições dominantes na estrutura nacional de distribuição dos ganhos salariais.

Portugal regista uma taxa de atividade feminina comparativamente elevada no contexto europeu. Ou seja, é um país no qual a participação das mulheres no mercado de trabalho é relativamente igualitária. Mas quer do ponto de vista das oportunidades, quer das remunerações, o mercado de trabalho em Portugal é ainda dominado por desigualdades entre homens e mulheres. Carvalho (2011) demonstrou como o nível remuneratório dos homens supera largamente o das mulheres com recursos escolares idênticos e pertencentes à mesma classe social. Mas o que sucederá quando o universo analítico de referência são os grupos do topo da distribuição dos ganhos salariais? Qual o perfil escolar e profissional dos homens e das mulheres que a eles pertencem? Que alterações se terão verificado nas últimas décadas?

Na primeira secção deste texto analisar-se-á a composição sexual dos grupos mais bem remunerados, o volume do ganho salarial dos homens e das mulheres pertencentes a esses grupos e o nível de concentração do rendimento existente na população masculina e feminina. Na segunda secção, identificar-se-á o perfil escolar e profissional dos homens e das mulheres que integram o topo da distribuição dos ganhos salariais em Portugal. Na

terceira secção comparar-se-á brevemente a situação verificada em 1989 com a existente em 2009.

A definição do topo da distribuição deste recurso terá como critério mais extensivo o ganho salarial do 10º decil, sendo essa delimitação sucessivamente circunscrita a quantis mais reduzidos do topo (5%, 1%, 0,1%, 0,01%, 0,001% mais bem remunerados).

### **Desigualdades de ganho e diferenças no nível de concentração**

A informação estatística que a seguir vai ser apresentada tem como fonte os Quadros de Pessoal (MSS/GEP) referentes ao ano de 2009. Os dados acerca do ganho mensal referem-se aos trabalhadores por conta de outrem do sector privado e aos funcionários públicos com regime individual de trabalho (apenas para estes é obrigatório o preenchimento do instrumento administrativo Quadros de Pessoal). Foram seleccionados apenas os trabalhadores com remuneração-base completa, a trabalhar a tempo completo. O ganho salarial inclui a remuneração-base, as prestações regulares (prémios e subsídios) e as remunerações por trabalho suplementar referentes ao mês de Outubro.

Antes de se analisar a informação dos ganhos salariais, importa promover uma breve descrição da população em análise. Dos 2 187 261 trabalhadores incluídos na análise, 56,3% (1 232 418) são homens e 43,7% (954 843) são mulheres. Estas apresentam níveis de escolaridade superiores aos verificados para a população masculina: 19,3% e 25,7% das mulheres tinham concluído o ensino superior e secundário/pós-secundário, respetivamente. No caso dos homens, estes valores eram de 12,7% e 21,0%. Em ambas as categorias, a maior parte da população não tinha concluído um nível de estudos mais elevado do que ensino básico (9º ano de escolaridade).

**Quadro 1. População trabalhadora, por sexo, Portugal (2009)**

Masculino		Feminino	
N	%	N	%
1 232 418	56,3%	954 843	43,7%

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

**Quadro 2. Nível de habilitação dos trabalhadores, por sexo, Portugal (2009)**

	Homens	Mulheres	Total
<b>Ensino superior</b>	12,7%	19,3%	15,6%
<b>Ensino secundário e pós-secundário</b>	21,0%	25,7%	23,1%
<b>Ensino básico</b>	65,1%	54,1%	60,3%
<b>Inferior ao 1º Ciclo do EB</b>	1,2%	0,9%	1,1%

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

Quanto à atividade profissional, a maior parte dos homens e das mulheres exerciam profissões de baixa qualificação. Entre os homens, o grupo profissional modal era o dos “Operários, artífices e trabalhadores similares”, no caso das mulheres o “Pessoal dos serviços e vendedores”. Quando se atenta nos três grupos profissionais onde tipicamente se situam os trabalhadores mais qualificados (e melhor remunerados), constata-se que a percentagem da população masculina que se insere no grupo dos “Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresa” e dos “Técnicos e profissionais de nível intermédio” é mais elevada face ao verificado entre a população feminina, invertendo-se essa evidência no grupo dos “Especialistas das profissões intelectuais e científicas”. Apesar de deterem níveis de escolaridade mais elevados, a proporção das mulheres que se situa nos três grupos profissionais mais qualificados é um pouco inferior ao observado no seio da população masculina: 23,2% para 25,3%.

**Quadro 3. Grupo profissional dos trabalhadores, por sexo, Portugal (2009)**

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
<b>Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas</b>	5,8%	3,4%	4,7%
<b>Especialistas das profissões intelectuais e científicas</b>	6,3%	8,4%	7,2%
<b>Técnicos e profissionais de nível intermédio</b>	13,2%	11,4%	12,4%
<b>Pessoal administrativo e similares</b>	11,0%	22,6%	16,1%
<b>Pessoal dos serviços e vendedores</b>	10,1%	27,8%	17,8%
<b>Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas</b>	1,6%	0,8%	1,2%
<b>Operários, artífices e trabalhadores similares</b>	26,3%	9,9%	19,1%
<b>Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem</b>	15,0%	3,8%	10,1%
<b>Trabalhadores não qualificados</b>	10,8%	12,0%	11,3%
<b>Total</b>	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

A primeira aproximação que aqui se promoverá à análise do topo da distribuição do ganho salarial, de acordo com a variável sexo, consiste na identificação do peso relativo que os homens e as mulheres têm nos quantis desse espaço económico. O Quadro 4 permite perceber que à medida que se sobe na estrutura de distribuição dos ganhos salariais, maior é a desproporção da pertença de homens e mulheres aos quantis mais bem pagos da população trabalhadora. Entre os 10% mais bem pagos o número de homens é 39 pontos percentuais (p.p.) superior ao das mulheres – bastante acima da diferença registada para o total da população (12,7 p.p.). No grupo dos 1% mais bem pagos os homens representam já mais de 80% dos efetivos desse percentil e no dos 0,1% e 0,01% do topo esse valor ultrapassa os 90%. A esmagadora maioria dos trabalhadores muito bem pagos são, portanto, homens.

**Quadro 4. Composição dos quantis do topo da distribuição dos ganhos salariais, por sexo, Portugal (2009)**

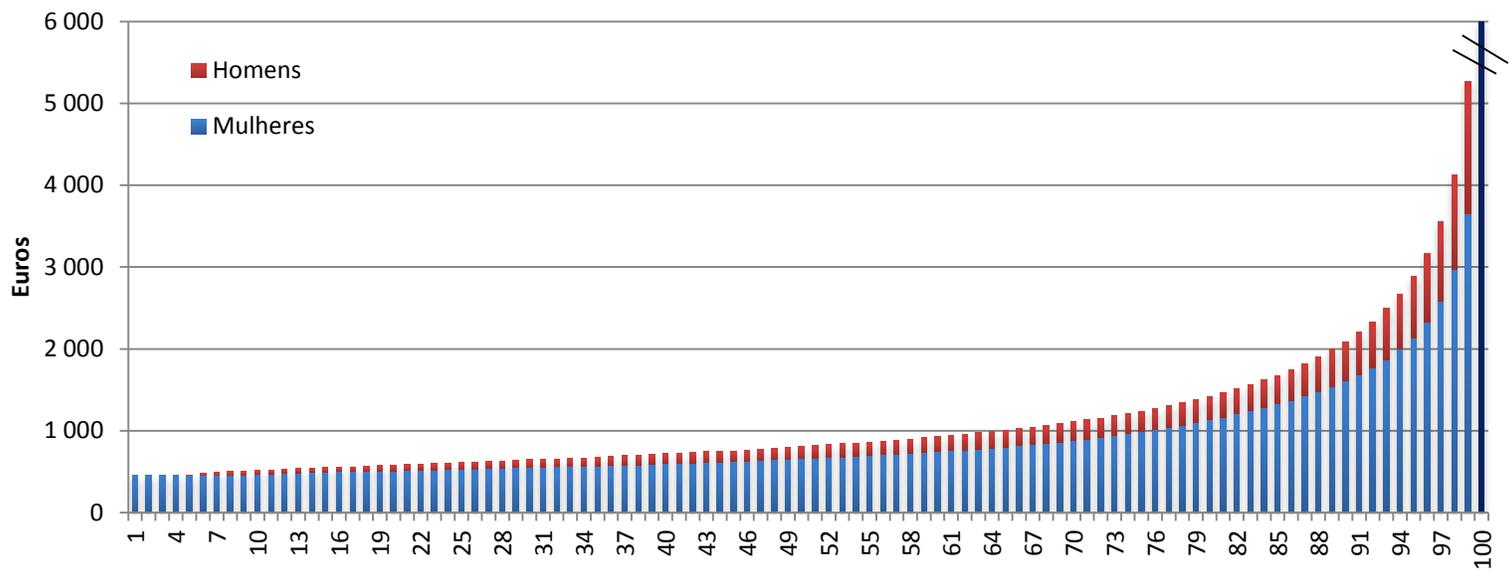
	Homem	Mulher	Diferença entre H e M na composição do topo (p.p.)	Diferença no total da população (p.p.)
<b>10% com salários mais elevados</b>	69,5%	30,5%	39,1	
<b>5% com salários mais elevados</b>	73,5%	26,5%	46,9	
<b>1% com salários mais elevados</b>	82,2%	17,8%	64,5	
<b>0,5% com salários mais elevados</b>	85,1%	14,9%	70,3	12,7
<b>0,1% com salários mais elevados</b>	90,7%	9,3%	81,4	
<b>0,01% com salários mais elevados</b>	94,5%	5,5%	89,0	

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

Esta evidência é reforçada quando se analisam, separadamente, os ganhos salariais de homens e mulheres por percentil. Como pode ser observado na Figura 1, a diferença na amplitude salarial entre a população masculina e a feminina aumenta bastante nos percentis do topo da distribuição, em particular a partir do percentil 95.

Figura 1. Ganho salarial por percentil e sexo, Portugal (2009)



Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota 1: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

Nota 2: O valor do ganho salarial dos 1% do topo da distribuição é, para ambos os sexos, muito superior em relação aos demais percentis, inclusive face ao ganho do percentil 99. Daí o facto de essa barra estar truncada.

O Quadro 5 permite concretizar a tendência demonstrada na figura anterior. O ganho salarial médio dos 10% de trabalhadores do sexo masculino mais bem pagos é 41% superior ao registado no seio da população feminina. Entre os 1% mais bem pagos essa diferença é de 61,6% (7 979 euros para 4 939 euros) e no grupo dos 0,001% do topo de 331% (123 551 euros para 28 669 euros). Estes dados opõem-se aos apurados por Finnie e Irvine (2006). Tendo como referência a população do Canadá, concluíram que a remuneração média dos homens e das mulheres pertencentes aos percentis e frações de percentil do topo da distribuição era relativamente semelhante.

**Quadro 5. Ganho salarial médio e mediano dos quantis do topo, por sexo, Portugal (2009)**

	Média (Euros)		Diferença %	Mediana (Euros)		Diferença %
	Homens	Mulheres		Homens	Mulheres	
<b>10% com salários mais elevados</b>	3495,9	2480,7	40,9	2890,8	2131,7	35,6
<b>5% com salários mais elevados</b>	4560,3	3126,4	45,9	3814,5	2747,0	38,9
<b>1% com salários mais elevados</b>	7979,0	4938,9	61,6	6684,0	4407,8	51,6
<b>0,5% com salários mais elevados</b>	10094,3	5902,2	71,0	8505,5	5243,9	62,2
<b>0,1% com salários mais elevados</b>	17357,9	8837,9	96,4	13869,6	7971,6	74,0
<b>0,01% com salários mais elevados</b>	45547,4	15224,9	199,2	34860,9	13256,2	163,0
<b>0,001% com salários mais elevados</b>	123550,5	28668,6	331,0	122911,0	29280,2	319,8

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados.

Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

As desigualdades de ganho salarial entre os homens e as mulheres que ocupam as posições privilegiadas na estrutura de distribuição desse recurso económico são acompanhadas por assimetrias no interior dessas categorias. Não só os homens mais bem pagos têm níveis salariais bastante acima do registado entre as suas homólogas do sexo feminino, como detêm uma parcela maior do bolo salarial masculino face ao observado no universo da população feminina. Isto é a mesma coisa que dizer que as mulheres mais bem pagas recebem bastante menos do que os homens que ocupam a mesma posição na distribuição masculina e detêm uma parte menor dos recursos salariais da população feminina em comparação com a fatia dos homólogos masculinos no seio da população masculina. Enquanto os 1% do topo da população masculina detinham 7% do bolo salarial auferido pelos homens, esse valor era de 5,5% no universo da população feminina. Esta evidência intensifica-se bastante quando se analisam as frações de percentil dos 0,01% e 0,001% do topo: nesses casos o nível de concentração salarial no universo da população masculina multiplica os valores observados entre as mulheres.

**Quadro 6. Proporção do ganho salarial total detido pelos quantis do topo, por sexo, Portugal (2009)**

	Homens	Mulheres
<b>10% com salários mais elevados</b>	30,69%	27,59%
<b>5% com salários mais elevados</b>	20,02%	17,39%
<b>1% com salários mais elevados</b>	7,00%	5,49%
<b>0,5% com salários mais elevados</b>	4,43%	3,28%
<b>0,1% com salários mais elevados</b>	1,52%	0,98%
<b>0,01% com salários mais elevados</b>	0,40%	0,17%
<b>0,001% com salários mais elevados</b>	0,11%	0,03%

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

### Perfil escolar e profissional dos homens e mulheres do topo da distribuição

O nível de escolaridade das mulheres é superior ao dos homens não só quando se tem como referência o total da população, mas também ao analisar-se os grupos que formam o topo da distribuição dos ganhos salariais. No grupo dos 10% mais bem pagos, 65% das mulheres tinham concluído um nível superior de ensino, valor que se situa cerca de 13 p.p. acima do registado no universo da população masculina. No percentil do topo esses valores são de 83,8% e 76,5% e entre os 0,1% mais bem pagos de 86,3% e 74,1%, respetivamente. Mesmo no grupo restrito dos 0,001% mais bem remunerados, cuja pertença, no caso dos homens, está fracamente associada à posse de recursos escolares, 62,5% das mulheres que o integram têm formação académica.

**Quadro 7. Nível de habilitações dos trabalhadores que compõem os quantis do topo, por sexo, Portugal (2009)**

		Básico	Secundário e pós-secundário	Superior
10% com salários mais elevados	H	20,2%	27,6%	52,2%
	M	10,6%	24,1%	65,3%
5% com salários mais elevados	H	12,6%	23,2%	64,2%
	M	8,4%	19,4%	72,3%
1% com salários mais elevados	H	6,2%	17,3%	76,5%
	M	4,5%	11,7%	83,8%
0,5% com salários mais elevados	H	6,2%	17,7%	76,1%
	M	3,9%	10,5%	85,6%
0,1% com salários mais elevados	H	8,8%	17,1%	74,1%
	M	4,0%	9,8%	86,3%
0,01% com salários mais elevados	H	34,4%	15,6%	50,0%
	M	7,4%	11,7%	80,9%
0,001% com salários mais elevados	H	76,9%	15,4%	7,7%
	M	12,5%	25,0%	62,5%

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados.

Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

O Quadro 8 permite analisar a composição profissional do percentil mais bem remunerado, por sexo. No caso dos homens, a grande maioria (62,4%) dos elementos que o compõem integra-se no grupo dos “Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas” e somente 18,5% pertencem ao grupo dos “Especialistas das profissões intelectuais e científicas”. Entre as mulheres existe um equilíbrio maior na distribuição das trabalhadoras do percentil do topo por esses dois grupos profissionais: 43,3% pertencem ao primeiro e 35% ao segundo. Apesar de em ambas as populações a pertença ao percentil do topo estar associada ao desempenho de profissões que têm como características funcionais a direção e gestão empresarial, bem como a autoridade sobre o trabalho dos outros, esse perfil é bem mais intenso no seio da população masculina. Entre as mulheres destaca-se o elevado peso relativo das profissões intelectuais e científicas. Os dados ínsitos neste quadro permitem não só constatar a existência de desigualdades de género no acesso às profissões de natureza diretiva, mas também as elevadas desigualdades salariais entre homens e mulheres nos vários grupos profissionais em causa. Em todos os grupos profissionais existem disparidades muito significativas ao nível do ganho salarial dos homens e das mulheres que ocupam o percentil do topo das respetivas

populações. Essa desigualdade é de 51,5% no grupo dos “Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas” e atinge os 94,5% no dos “Técnicos e profissionais de nível intermédio”.

**Quadro 8. Composição profissional e ganho salarial médio do grupo dos 1% do topo, por sexo, Portugal (CNP 94) (2009)**

	Composição (%)		Ganho médio (Euros)	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
<b>Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores das empresas</b>	62,4%	43,3%	8088,9	5339,4
<b>Especialistas das profissões intelectuais e científicas</b>	18,5%	35,0%	6905,2	4649,8
<b>Técnicos e profissionais de nível intermédio</b>	16,4%	16,1%	8974,2	4613,0
<b>Pessoal administrativo e similares</b>	1,5%	4,5%	6869,9	4550,4
<b>Pessoal dos serviços e vendedores</b>	0,36%	0,87%	6274,7	4646,2
<b>Agricultores e trabalhadores qualificados da agricultura e pescas</b>	0,02%	0,01%	7226,5	4860,0
<b>Operários, artífices e trabalhadores similares</b>	0,40%	0,12%	6639,6	5747,3
<b>Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da montagem</b>	0,25%	0,04%	6626,4	4294,3
<b>Trabalhadores não qualificados</b>	0,11%	0,06%	6468,5	4187,9
<b>Total</b>	100,0%	100,0%	7979,0	4938,9

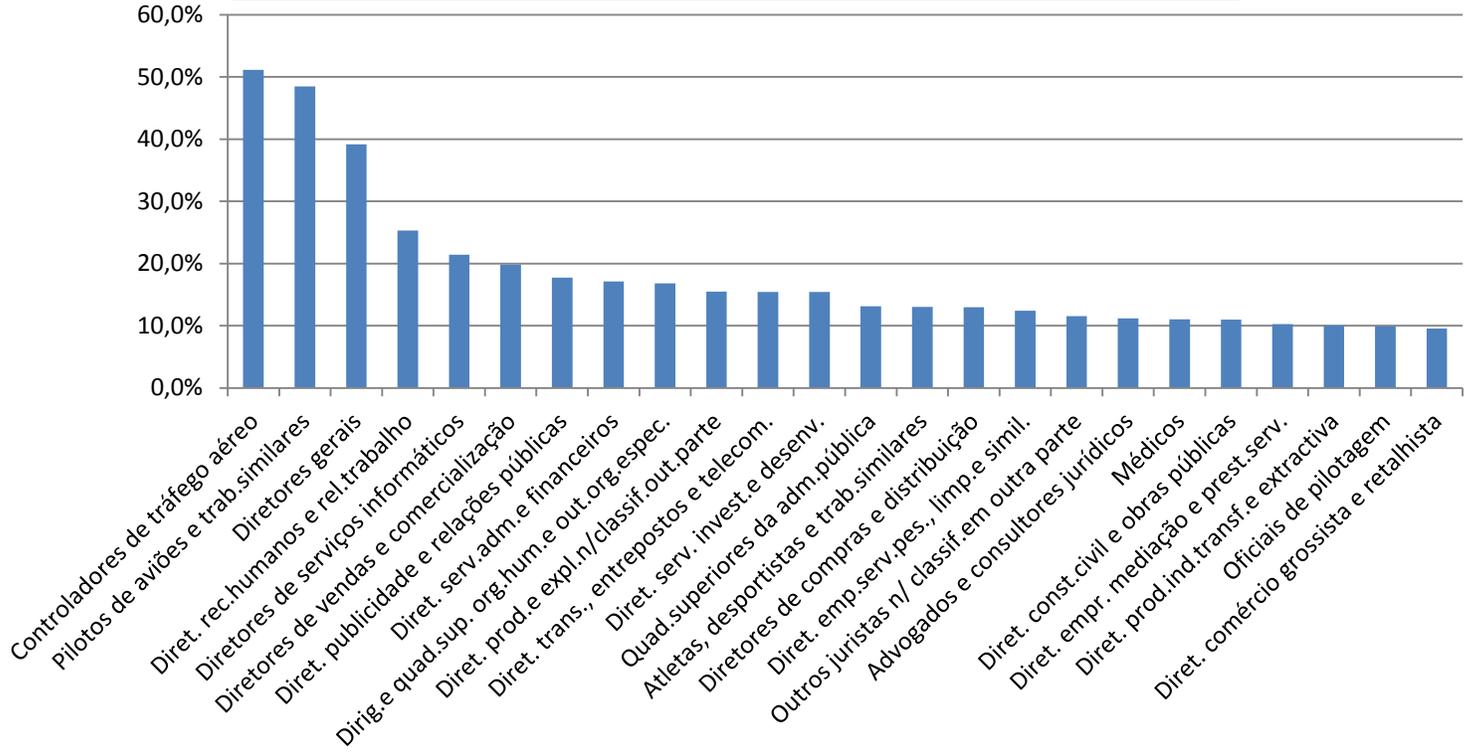
Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados.

Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

As figuras 2 e 3 permitem identificar quais as profissões que, no seio da população masculina e feminina, apresentam uma maior proporção dos seus efetivos (10% ou mais) no grupo dos 1% mais bem pagos. As duas ou três profissões que registam uma maior proporção de efetivos no percentil do topo pertencem, tanto entre os homens como entre as mulheres, ao grupo 2 da CNP 94. Mas, tal como seria expectável, em ambas as populações predominam as profissões ligadas ao grupo 1, mais concretamente os diretores. Essa tendência é mais acentuada entre a população masculina.

**Figura 2. Grupos profissionais cujos trabalhadores estão em termos relativos mais representados no percentil do topo da distribuição, homens, Portugal (2009)**

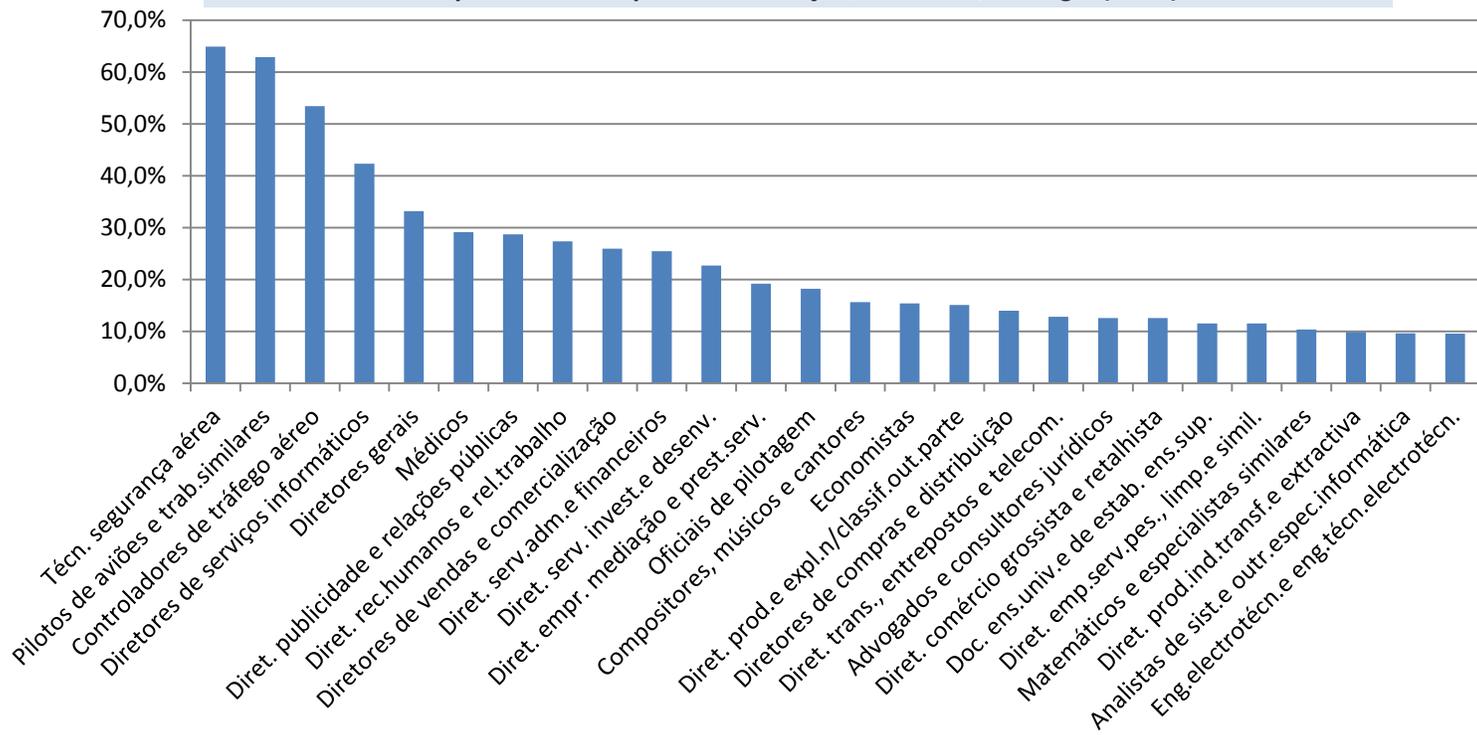


Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota 1: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

Nota 2: Foram selecionados apenas os grupos profissionais em que pelo menos 10% dos seus trabalhadores integrassem o percentil do topo da distribuição.

**Figura 3. Grupos profissionais cujos trabalhadores estão em termos relativos mais representados no percentil do topo da distribuição, mulheres, Portugal (2009)**



Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).  
 Nota 1: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.  
 Nota 2: Foram seleccionados apenas os grupos profissionais em que pelo menos 10% dos seus trabalhadores integrassem o percentil do topo da distribuição.

O Quadro 9 identifica quais as profissões que têm um maior peso relativo no percentil do topo, no universo das populações masculina e feminina. É desde logo interessante constatar que se entre os homens os diretores gerais constituem a profissão mais representada no percentil do topo da distribuição dos ganhos salariais (12%), no universo feminino o peso deste grupo é de apenas 4%. Isto significa que o cargo do topo na hierarquia das empresas é predominantemente masculino. Ser-se homem é, neste sentido, um atributo simbólico fundamental para se aceder à condição de diretor dos diretores. E enquanto na população masculina as profissões de direção constituem sete das 10 profissões que têm um maior peso relativo no percentil do topo, entre as mulheres isso acontece “somente” em quatro casos – seis dessas profissões pertencem aos grupos 2 e 3 da CNP 94.

**Quadro 9. Principais grupos profissionais que compõem o percentil do topo da distribuição dos ganhos salariais, por sexo, Portugal (2009)**

Homens		Mulheres	
Diretores gerais	12,7%	Diretores de empresas de mediação e prestação de serviços	9,9%
Diretores de serviços administrativos e financeiros	9,1%	Diretores de serviços administrativos e financeiros	9,6%
Diretores de vendas e comercialização	8,9%	Profissionais de nível intermédio dos serviços administrativos	6,3%
Diretores de empresas de mediação e prestação de serviços	7,7%	Médicos	6,0%
Pilotos de aviões e trabalhadores similares	4,3%	Economistas	4,7%
Engenheiros civis e engenheiros técnicos civis	3,9%	Especialistas de profissões administrativas e comerciais NCOP	4,5%
Diretores de produção, exploração e similares NCOT	3,9%	Diretores de vendas e comercialização	4,4%
Diretores de produção das indústrias transformadora e extrativa	3,2%	Diretores gerais	3,9%
Diretores do comércio grossista e retalhista	2,9%	Analistas de sistemas e outros especialistas de informática	3,0%
Profissionais de nível intermédio dos serviços administrativos	2,5%	Representantes comerciais e técnicos de vendas	2,9%

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

### **A evolução das desigualdades de género no topo dos ganhos salariais: uma aproximação**

Os dados atrás analisados permitem constatar a existência de desigualdades de género bastante acentuadas no topo da distribuição dos ganhos salariais. Desde logo, tal como foi evidenciado no Quadro 4, a grande maioria dos trabalhadores que ocupam essas posições dominantes na estrutura de distribuição dos rendimentos salariais são homens. Mas até que ponto as assimetrias verificadas em 2009 são menores face à realidade de há duas décadas atrás?

No espaço de duas décadas a percentagem de mulheres no universo dos trabalhadores por conta de outrem com remuneração base completa e trabalhar a tempo completo passou de 35,2% para 43,7%: aumento de 24,1% ou de 8,5 pontos percentuais. Quando se analisa a evolução verificada entre 1989 e 2009 do peso relativo das mulheres no topo da distribuição dos ganhos salariais, conclui-se que o aumento dessa “taxa de participação no

topo” foi superior àquela subida. Apesar da persistência das desigualdades, o peso relativo das mulheres aumentou de forma bastante vincada em quase todos os quantis no período em análise. De facto, duplicou ou superou esse aumento nos grupos dos 10%, 5% e 1% mais bem pagos: de 15,5% para 30,5%, de 12,0% para 26,5% e de 8,7% para 17,8%, respetivamente. Entre os 0,5% do topo essa evolução foi também muito significativa, passando de 8,3% em 1989 para 14,9% em 2009.

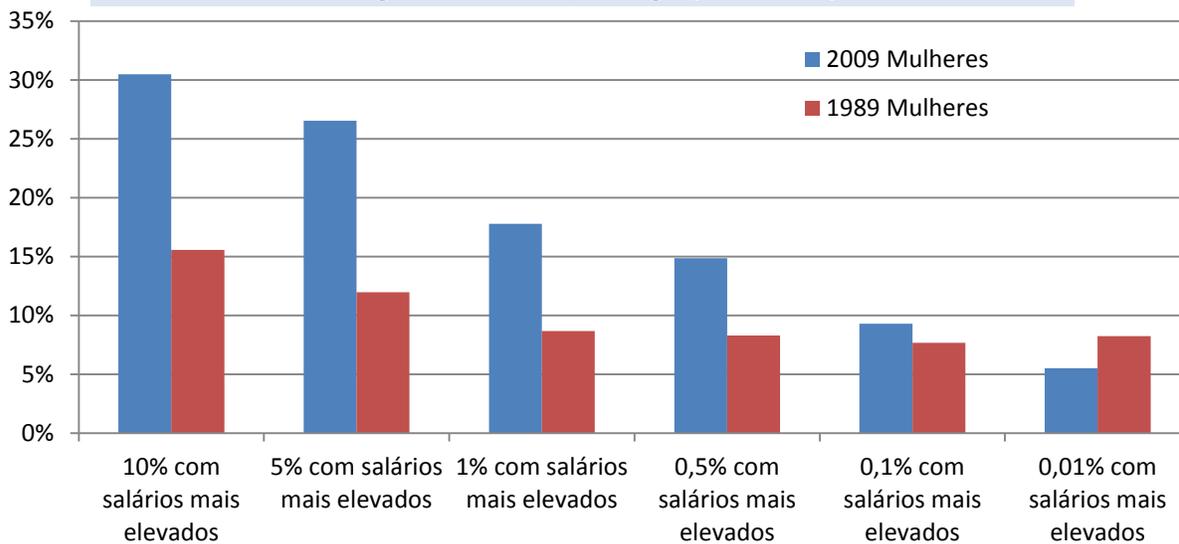
Contudo, na fração de percentil dos 0,1% mais bem pagos o aumento foi bem menos acentuado (de 7,7% para 9,3%) e entre o grupo económico mais restrito considerado nos quadros 4 e 10 houve mesmo uma diminuição do peso relativo das mulheres. Se em 1989 8,2% dos 0,01% mais bem pagos eram mulheres, em 2009 esse valor decresceu para 5,5%.

**Quadro 10. Composição dos quantis do topo da distribuição dos ganhos salariais, por sexo, Portugal (1989)**

	Homem	Mulher	Diferença entre H e M na composição do topo (p.p.)	Diferença no total da população (p.p.)
<b>10% com salários mais elevados</b>	84,5%	15,5%	68,9	29,6
<b>5% com salários mais elevados</b>	88,0%	12,0%	76,1	
<b>1% com salários mais elevados</b>	91,3%	8,7%	82,7	
<b>0,5% com salários mais elevados</b>	91,7%	8,3%	83,4	
<b>0,1% com salários mais elevados</b>	92,3%	7,7%	84,7	
<b>0,01% com salários mais elevados</b>	91,8%	8,2%	83,5	

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (1989).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são ilíquidos.

**Gráfico 4. Proporção da população feminina nos quantis do topo da distribuição dos ganhos salariais, Portugal (1989-2009)**

Fonte: Quadros de Pessoal, MSS/GEP (2009).

Nota: Cálculos do autor a partir dos microdados anonimizados. Valores do ganho salarial mensal são líquidos.

Estes dados revelam que apesar do aumento relativo da presença feminina nos grupos que formam o topo da distribuição dos rendimentos salariais, verificado em duas décadas, o pico dessa montanha económica não só conservou como ainda aprofundou a sua feição esmagadoramente masculina. Se os limites inferiores do topo da distribuição se mostraram relativamente permeáveis a uma gradual feminização, o “topo do topo” assumiu-se como uma fortaleza masculina, pela qual se reproduziram e agudizaram desigualdades entre homens e mulheres.

## Conclusão

Portugal é uma sociedade marcada por desigualdades económicas profundas. Tal como se constata noutros países (Atkinson, Piketty, e Saez, 2010), uma das principais feições estruturais da sociedade portuguesa atual é o abismo de recursos económicos existente entre os grupos mais ricos e a restante população. Esse fosso entre o rendimento pré-redistribuição dos grupos mais favorecidos e o da demais população aumentou nas últimas

décadas (Cantante, 2013; Rodrigues, Figueiras e Junqueira, 2012; Alvaredo, 2010). Esta evidência nacional e, em boa parte, internacional tem contribuído para a conceptualização das relações de desigualdades económica como uma oposição entre os ricos ou muito ricos e as outras categorias socioeconómicas (a “classe média”, os “pobres”, etc.).

Neste texto demonstrou-se que existe em Portugal uma desigualdade de género bastante acentuada no acesso aos quantis do topo da distribuição dos ganhos salariais. Os homens estão sobre-representados nestes grupos, de forma particularmente vincada nas frações do percentil do topo. Quando se analisa separadamente a distribuição dos ganhos salariais dos homens e das mulheres, verifica-se que os limiares inferiores, bem como os valores médios e medianos desse indicador, são bastante mais baixos nos grupos do topo da população feminina face ao observado entre os trabalhadores do topo do sexo masculino. Esse hiato é evidente em todos os grupos profissionais. É também interessante constatar que existe uma clara desigualdade no acesso às profissões de direção das empresas, as quais são desproporcionalmente exercidas por homens.

No espaço de duas décadas assistiu-se a um aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a uma maior feminização do topo da distribuição dos ganhos salariais. Esta evidência não conseguiu, contudo, evitar a persistência de profundas desigualdades de género no acesso aos grupos mais bem pagos da população trabalhadora e até a um avolumar dessas assimetrias no topo do topo da distribuição desse recurso económico.

## Referências bibliográficas

Alvaredo, Facundo (2010), “Top incomes and earnings in Portugal 1936-2005”, in A. B. Atkinson e Thomas Piketty (Eds.), *Top Incomes: a Global Perspective*, Oxford, Oxford University Press, pp. 560-624.

Atkinson, Anthony. B., Thomas Piketty, e Emmanuel Saez (2010), “Top incomes in the long run of history”, in A. B. Atkinson e Thomas Piketty (Eds.), *Top Incomes: a Global Perspective*, Oxford, Oxford University Press, pp. 664-759.

Bihr, Alain, e Roland Pfefferkorn (2008), *Le Système des Inégalités*, Paris, La Découverte.

Cantante, Frederico (2013), “O topo da distribuição dos rendimentos em Portugal: uma análise descritiva”, CIES e-Working Paper Nº 154.

Carvalho, Margarida (2011), “A persistência das desigualdades remuneratórias de género nas empresas portuguesas: 1988-2008”, Observatório das Desigualdades, disponível em <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=projects&id=116>

Connell, R. W. (1994), “Gender regimes and the gender order”, em Anthony Giddens et al. (eds), *The Polity Reader in Gender Studies*, Cambridge, Polity Press, pp. 29-40.

Finnie, Ross, e Ian Irvine (2006), “Mobility and Gender at the Top Tail of the Earnings Distribution”, *The Economic and Social Review*, Vol. 37, nº 2, pp. 149-173.

Rodrigues, Carlos Farinha (Coord.), Rita Figueiras, e Vítor Junqueira (2012), *Desigualdade Económica em Portugal*, Lisboa, FFMS.

Therborn, Göran (2013), *The Killing Fields of Inequality*, Cambridge, Polity Press.